



Religião, dissidência e extensão universitária em um território de desigualdades:

o caso do Instituto Bom Pastor¹

Maria Fernanda Costa da SILVA²

Gustavo Aleixo de SOUSA³

Daniela Beatriz MILA⁴

Thailine Lopes de Souza da PAZ⁵

José Carlos FERNANDES⁶

Universidade Federal do Paraná - UFPR

Em 2024, o programa de extensão Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep), criado há 22 anos no Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), deu início a uma parceria com o Instituto Bom Pastor⁷, ONG de ação humanitária em atividade na cidade de Piraquara, Região Metropolitana de Curitiba. O que era, em princípio, um apoio ao contraturno escolar para crianças da comunidade do Guarituba, bairro no qual o Bom Pastor está inserido, e a produção de um vídeo institucional para colaborar na captação de recursos, acabou por se revelar um desafio extensionista em escala, mesmo para um programa com histórico de atuação em áreas de ocupação irregular, sistema prisional, unidades de ressocialização e escolas de periferias urbanas, dentre outros campos extremos.

Nos pouco mais de 200 metros quadrados em que estão as instalações da organização se confluem questões relacionadas à desigualdade nas franjas da grande cidade, insegurança alimentar, abandono estatal e sobretudo as interfaces com um movimento religioso, cujo perfil encontra poucos precedentes, por seus propósitos libertários, messiânicos e de forte interação na construção de políticas públicas voltadas para as populações excluídas.

Discute-se aqui de que maneira a ação extensionista pode se desenvolver em territórios orgânicos (Silva, 2024), nos quais uma ação pontual – a citada atividade educomunicativa

¹ Resumo expandido apresentado no GP Relato de Experiência, no VIII Encontro Regional Sul de Ensino de Jornalismo (Erejo Sul).

² Estudante do segundo período de Jornalismo, UFPR. Email: silvamarina@ufpr.br

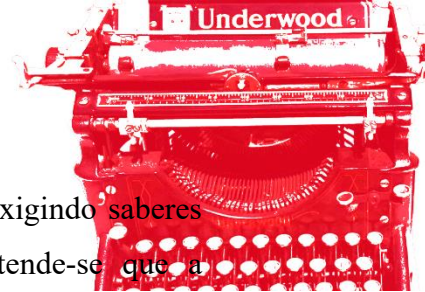
³ Estudante do quarto período de Jornalismo, UFPR. Email: gustavoaleixo@ufpr.br

⁴ Estudante do segundo período de Relações Públicas, UFPR. Email: daniela.mila@ufpr.br

⁵ Estudante do segundo período de Relações Públicas, UFPR. Email: pazthailine@ufpr.br

⁶ Doutor em Estudos Literários, professor do Departamento de Comunicação da UFPR, extensionista, pesquisa jornalismo e ditadura militar no Paraná. E-mail: zeca@ufpr.br

⁷ <https://missionariosbompastor.com.br/>



em contraturno – não atende de pronto à complexidade do ambiente, exigindo saberes para além dos comumente listados nesse campo de atividade. Entende-se que a

interdisciplinaridade e a dialogicidade, para citar dois princípios da extensão (Gonçalves, Quimelli, 2016), são “passaportes” para o entendimento dessa organicidade, mas que precisam de interfaces, como a compreensão das motivações religiosas presentes na formação do instituto; e a percepção constante das fragilidades da região, uma das mais pobres do Paraná.

A região do Guarituba conta com cerca de 45 mil moradores, metade da população do município de Piraquara. São 16 quilômetros quadrados, 12 mil famílias (contra 6 mil famílias de ocupações como a vila Bubas, em Foz do Iguaçu; Bolsão Caximba, em Curitiba; ou Nova Esperança, em Campo Magro, na Região Metropolitana de Curitiba) (Fernandes, 2008a). Até o início dos anos 2000, a região – outrora uma bacia leiteira da RMC – era conhecida pela violência urbana. A Avenida Betonex, que corta o bairro, registra historicamente a maior taxa de homicídios de toda a Grande Curitiba. Esteve listada entre as chamadas “ruas do medo”, nas estatísticas da Polícia Militar do Paraná. Uma das vilas da área, o Jardim Holandês, carregou por duas décadas o título de a maios violenta dos arredores de Curitiba. Paralelo, o Guarituba abriga as nascentes das águas que abastecem Curitiba, mananciais comprometidos pelas ocupações irregulares desordenadas, instaladas em terreno movediço, as turfas, o que agravava o cenário de abandono dos casarios, não raro, semelhantes a palafitas (Fernandes 2008b).

Em 2006, o Guarituba foi o local em que se deu início ao Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), do governo federal. Dada sua fragilidade territorial e social, virou uma espécie de “espaço símbolo” do Brasil dos desvalidos. Paralelo, a Cohapar, companhia de habitação do estado do Paraná, investiu em infraestrutura para drenar os pântanos, criar canais e oferecer áreas de moradia popular e reassentamentos. Houve avanços, mas nada que saneasse de forma satisfatória a área mais empobrecida de um município como Piraquara, que tem 95% de sua área em um setor de proteção ambiental, por estar próxima à Serra do Mar e apinhada de nascentes. Nenhuma empresa que produza eflúvios líquidos pode se instalar na região, e a cobertura constitucional a setores de proteção ecológica – como os *royalties* recebidos pelo município – se mostram suficientes para garantir cidadania a seus moradores.

Diferente do que era há 20 anos, mas longe de se livrar do retrato da periferia de uma cidade rica como Curitiba, o Guarituba se tornou sede de um sem número de organizações sociais, ocupadas de atender famílias que vivem abaixo da linha da pobreza, ainda que

haja, já, nas cercanias do bairro, a formação de uma classe média de baixa renda, em melhores condições do que no passado.



É nesse território ainda em convulsão que, em 2018, durante a pré-pandemia de Covid-19, surgiu o Instituto Bom Pastor – oficialmente Comunidade Missionários do Bom Pastor –, criado pelo casal Eduardo Fabrício Andrade e Paula, biólogos de formação. Ex-seminarista salesiano, Eduardo conheceu sua companheira na faculdade e ambos decidiram desenvolver, de forma radical, os princípios de São Francisco de Assis, o santo da natureza e da entrega aos empobrecidos. Fundamentam o carisma franciscano do instituto criado pelo casal as bases da chamada Teologia da Libertação, cujas raízes remontam aos anos 1970 e tiveram no Brasil expressões, de escala mundial, como o ex-frade franciscano conventual Leonardo Boff (1983). Além do apelo ecológico, a Teologia da Libertação se ocupa de promover o Reino de Deus aqui na Terra, por meio do direito à moradia, alimentação, educação, saúde, conquistadas por meio de forte organização política e comunitária. A “Casa de Francisco”, como é chamado o conjunto formado por salas de aula, área de convivência, refeitório, dormitórios e capela, é o microcosmo dessa pedagogia do mundo possível, erguido nas fronteiras da religião, da acolhida e da luta política (Rufino, 2019).

Também com base em Boff, a célula eclesial que se desenvolve no Instituto Bom Pastor, no Guarituba, subverte as hierarquias. Mesmo comungando com a unidade do catolicismo, desenvolve suas próprias liturgias e formas de ministrar os sacramentos, numa perspectiva ecumênica, cuja maior inspiração é a Prelazia de São Felix do Araguaia, no Mato Grosso, na figura do bispo dom Pedro Casaldáliga – também de expressão mundial, a exemplo de Boff (Comblin, 1985).

A experiência extensionista num espaço de carências sociais como o Guarituba, e no contato direto com uma versão atualizada das Comunidades Eclesiais de Base – com ecos da Igreja Primitiva, do franciscanismo e da Teologia da Libertação – pede uma compreensão fenomenológica. A educomunicação e a comunicação popular – bases epistêmicas do Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Freire, 2021) – experimentam ali, semanalmente, a interseccionalidade com um imperativo: o combate à fome e aos efeitos da miserabilidade, como o aumento da população em situação de rua. O instituto aplaca a insegurança alimentar com a distribuição semanal de mais de 200 refeições, cestas básicas e atendimento emergencial, duas vezes por semana, a homens, mulheres e crianças de Piraquara que moram nas marquises. Não há nessas ações sombras de assistencialismo, dado o forte vínculo com os atendidos. O processo se dá por meio de



um caminhão, adaptado com chuveiro, unidade de saúde, dispensa para distribuição de medicamentos, roupas e alimentos. O contraturno para crianças do ciclo básico é parte desse movimento de resgate cidadão, em meio às espirais cada vez mais velozes de exclusão.

A fome eminente, o abandono escolar e a quantidade de “vidas em segredo” do Guarituba não eram de todo ausentes das rotinas do núcleo extensionista, mas em raras ocasiões se mostrou tão onipresente, exigindo a cada tarde semanal de formação – dessa feita no interior da universidade – a busca de respostas para questões que escapam às lides extensionistas. Uma das soluções dadas pelos estudantes a esses imperativos da realidade foi, à moda dos parceiros, radicalizar e desenvolver junto com as 20 crianças, em média, que frequentam as oficinas, nas quartas-feiras, estratégias de escuta total. As oficinas passam por aulas de colagem, por exemplo, mas também pela entrega das câmeras, para que os assistidos do Bom Pastor façam eles mesmos o roteiro de suas vidas, destacando os locais e os temas da comunidade que desejam ver retratados (Hooks, 2022).

Essas expressões permitidas, apartadas dos vícios da escolarização mercantilizada, permitem perceber uma microssociedade em ebulição, na qual despontam, de fato, a diversidade religiosa entre oriundos de crenças afro, evangélicas e católicas; a organização social em torno das crianças e da alimentação solidária; o despontar de lideranças comunitárias dentre os órfãos do Estado naquelas fronteiras do Guarituba (Hooks, 20021). E a concretização de uma comunidade de direitos, respaldada na Teologia da Libertação, mesmo em meio a tantas fórmulas de alienação religiosa em ebulição no século 21. Essa pedagogia da encruzilhada (Rufino, 2022), como se pode dizer, tende a inspirar outros projetos de extensão a entender a religião como fenômeno agregador (Bispo dos Santos, 2024) e não apenas polarizador, como se acostumou a ver de 2018 para cá, justo o ano em que o Instituto Bom Pastor se consolidou.

REFERÊNCIAS

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023).

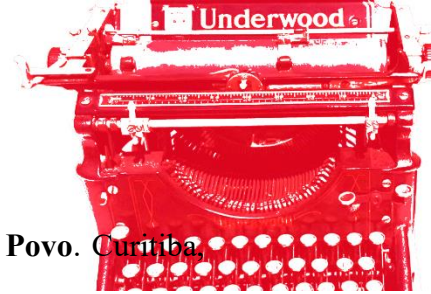
BOFF, Leonardo. **A fé na periferia do mundo**. 3.^a ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

COMBLIN, José. **Antropologia cristã**. Série III: a libertação na história. Petrópoli: Vozes, 1985.

FERNANDES, José Carlos. Ânimos quentes no Guarituba. **Gazeta do Povo**. Curitiba, 22 jun. 2008. Vida e Cidadania, p. 9.

VIII Encontro
Regional Sul de
Ensino de Jornalismo

Jornalismo em Cena:
Ciberativismo Ambiental



Encontro Sul 2025

ANDRES, José Carlos. A terra treme na beira do Iraç.    **Gazeta do Povo**. Curitiba, jun. 2008. Vida e Cidadania, p. 8.

FREIRE, Paulo. **Educar com a mídia:** novos diálogos sobre educação. 2.^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2021.

GONÇALVES, Nádia Gaiofatto. QUIMELLI, Gisele Alves de Sá. **Princípios da extensão universitária:** contribuições para uma discussão necessária. Curitiba: Ed. CRV, 2016.

HOOKS, Bell. **Ensinando comunidade:** uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, Bell. **Pertencimento:** uma cultura do lugar. São Paulo: Elefante, 2022.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SILVA, Fabrício Pereira da. **Em busca da comunidade:** caminhos do pensamento crítico no Sul Global. São Paulo: Elefante, 2024.